

Internet Como Esfera Pública

Jany Carla Arruda da Silvaⁱ
Maria Aparecida Barros Vágulaⁱⁱ
Laysa Maria Moraesⁱⁱⁱ
Josiane Silva dos Santos^{iv}

Resumo

Este artigo foi desenvolvido na disciplina de Filosofia e Comunicação, no terceiro semestre da graduação em Jornalismo. Sua pesquisa foi aguçada pela percepção da necessidade de os meios de comunicação serem ferramentas efetivas para o desenvolvimento do pensamento crítico. Metodologicamente, baseamo-nos em pesquisa bibliográfica fundamentada basicamente em Jürgen Habermas e Manuel Castells, já que o trabalho busca a intercessão entre os âmbitos da filosofia e da comunicação, esfera pública e sociedade em rede, respectivamente. Partindo das formulações dos autores com relação às temáticas, questionamos se a Internet pode se configurar como promotora de uma nova esfera pública, espaço para a promoção de debates e desenvolvimento de cidadãos mais reflexivos e participativos. Considerando a revisão de literatura realizada, acreditamos ser esse sistema o que mais possibilita a retomada da Esfera Pública, entendendo-a como o locus que melhor favorece o desenvolvimento de cidadãos ativos e críticos, principalmente pelo fato de as possibilidades de emissão informacional inerentes a ela serem potencializadas. Vale destacar, portanto, a importância do cidadão/ internauta com livre arbítrio no campo virtual, construtor e reconstrutor de sua capacidade sócio-emocional-cognitiva.

Palavras chaves: Esfera Pública; Internet; Meios de Comunicação; Habermas; Sociedade da Informação.

Abstract

This article was written in the discipline of Philosophy and Communication, in the third term of the Journalism University course. Its research was enriched due to a need to make the means of communication a tool in the development of critical thinking. Methodologically, since the article needed intersecting not only philosophy and communication, but also the public sphere and society as a whole, it was based in a bibliographical search basically in Jürgen Habermas and Manuel Castells. Taking into account the authors' conceptions of the themes, we have questioned if the Internet may be regarded as promoting a new public sphere, such space where there would be debates, hence developing the citizens' ability to reflect and participate. As there has been some literary proof-reading, we believe this system is likely to bring back the Public Sphere, understanding it as the locus which best favours the development of active and critical citizens, mainly thanks to the fact that the widespread possibilities of information inherent in it may be maximized. It is important to highlight, therefore, the importance of the citizen/internet-user that has their own free will in the virtual field, builder and re-builder of their own social-emotional-cognitive capacity.

Key words: Public sphere; Internet; Means of communication; Habermas; Information society.

Resumen

Ese artículo fue escrito en la disciplina de Filosofía y Comunicación en el tercer semestre de la graduación en Periodismo. Su investigación vino de la necesidad de usar los medios de comunicación como instrumentos efectivos para el desarrollo del pensamiento crítico. Metodológicamente, nosotros basémonos en una investigación bibliográfica en Jürgen Habermas y Manuel Castells, pues el artículo buscaba la intercesión entre la Filosofía y Comunicación, y entre la esfera pública y la sociedad en general. A partir de las formulaciones de los autores en relación a esas temáticas, hemos cuestionado si la Internet puede configurarse como creadora de una nueva esfera pública, espacio para foro de debates y desarrollo de ciudadanos más reflexivos y que participan más. Una revisión literaria fue hecha, por esa razón creemos que ese sistema es el que más possibilita la retomada de Esfera Pública, entendiendo ese sistema como el locus que mejor favorece el desarrollo de ciudadanos activos y críticos, principalmente por las posibilidades de emisión de información inherentes para que ellas sean potencializadas. Es importante destacar la importancia del ciudadano/Internet-user que tiene arbitrio en la red, construyendo y reconstruyendo su capacidad socio-emocional-cognitiva.

Palabras claves: Esfera pública; Internet; Medios de Comunicación; Habermas; Sociedad de la información.

Introdução

No presente artigo procurou-se compreender quais as características da Esfera Pública, tendo por

base os estudos realizados por Jürgen Habermas. Considerando a crucial importância dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública, e como seus usos podem interferir diretamente de forma construtiva ou destrutiva na formação cultural e intelectual dos cidadãos e, ainda, a crescente expansão e importância da Internet no mundo todo, muito bem descritas por Manuel Castells, em seu livro “A Sociedade em Rede”, procuramos saber se a Internet pode ser considerado um meio pelo qual as pessoas realmente podem interagir e construir o pensamento crítico, assemelhando-se à Esfera Pública burguesa.

Por volta do século XVIII, na Europa, cidadãos se reuniam em cafés e ali travavam discussões de alta qualidade, principalmente com relação ao sistema político e econômico. A esses “encontros culturais” Habermas chamou de Esfera Pública, ou seja, uma burguesia ainda sem poderes consolidados, que em um lugar público se encontravam para conversar sobre suas idéias, divergências, crenças, culturas, etc. e, assim, eram capazes de enxergar e crescer com os vários pontos de vista apresentados, desenvolvendo sua capacidade de análise crítica, a respeito de assuntos de interesse social. Esse fato foi tão importante que ali se dá historicamente um dos primeiros impulsos geradores da Revolução Industrial e hegemonia plena do capitalismo.

Sendo assim, percebe-se que o pensamento e capacidade crítica de qualquer pessoa só são desenvolvidos se este tem a oportunidade de obter

conhecimento e estabelecer um diálogo de seus conceitos sobre os mais variados assuntos.

Nos dias de hoje, os meios de comunicação de massa mais consolidados são as principais fontes de informação da população, portanto, para que seja formada uma real sociedade pensante. Para tanto, é necessário que estes sejam democráticos e desmercadorizados, favorecendo o diálogo e, assim, responsáveis pela construção de verdadeiras opiniões públicas.

Infelizmente, no contexto contemporâneo, Habermas não teria a oportunidade de encontrar e estudar uma esfera pública semelhante à burguesa, pois, quando a burguesia chegou ao poder, por meio do conhecimento e da união, percebeu que não era interessante que este conhecimento fosse compartilhado por todos, pois seria uma ameaça a quem estivesse no poder. Como hoje o poder está diretamente ligado ao capital, ou seja, a classe dominante é composta por industriais, antigos burgueses, dominadores da tecnologia e do conhecimento, conseqüentemente, do capital, preferem usar dos meios de comunicação de massa para manipular informações e dirigi-las à sociedade conforme seus interesses.

Assim, a maneira como os meios de comunicação em geral levam a informação não faz, realmente, que seus leitores se tornem verdadeiros pensantes dos assuntos abordados. Há, na verdade, uma falta de oportunidade de interação de pensamentos e idéias para o crescimento intelectual, um lugar, espaço

e tempo em que as pessoas possam compartilhar suas experiências. Em contrapartida, elas não se sentem ouvidas mas diante de tantas informações - muitas vezes tratadas superficialmente -, podem preferir a acomodação.

No entanto, hoje temos um meio de comunicação fortemente em ascensão que é a Internet, com seus defensores e opositores, pontos fortes e fracos, que dentre os demais é o único que permite uma interação maior entre emissor e receptor da mensagem, por vezes, podem inverter inclusive seus papéis, alternando-se entre produtores e receptores.

A partir disso, questionamo-nos se a Internet poderia, então, ser considerada uma forma moderna de esfera pública. Através de revisão bibliográfica, discutimos a configuração da sociedade moderna – em rede – e pelo fato das possibilidades de emissão informacional inerentes a ela serem potencializadas; acreditamos ser esse sistema o que mais possibilita a retomada da idéia de Esfera Pública, entendendo-a como o meio que mais favorece o desenvolvimento de cidadãos ativos e críticos.

Para o desenvolvimento deste artigo utilizamos pesquisa bibliográfica, no intuito de descrever e analisar os conceitos teóricos que versam sobre Esfera Pública e Internet. Assim, posteriormente, promovemos a discussão entre esses dois objetos, buscando apresentar a problemática da utilização da internet como um simulacro da esfera pública moderna.

Esfera Pública, por Habermas

É impossível falar de Esfera Pública sem trazeremos à discussão o formulador do conceito. Em “Mudança estrutural da esfera pública” (1961), Jürgen Habermas define que a “*esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera de pessoas privadas reunidas em um público*” (HABERMAS, 2003, p. 42). Essa esfera citada por Habermas surge em meio ao desenvolvimento do capitalismo financeiro e mercantil, caracterizado pelas feiras, os burgos e o surgimento dos serviços postais e da imprensa.

O crescimento do comércio, o surgimento das companhias e das sociedades por ações, o desenvolvimento cada vez maior do mercado exterior, vão exigindo maiores garantias institucionais, ou seja, no caso, políticas e militares. Paralelamente, temos o desenvolvimento do Estado-nação, que nacionaliza economias antes mais localizadas, e do Estado moderno como centralização política, com administração e exército permanentes: é a consolidação do chamado “poder público”, que aqui pode ser entendido como maior participação do governo em determinadas empresas.

O contexto de fortalecimento do Estado, até então, dirigido pela nobreza, em contraponto à privação da burguesia de participar efetivamente de suas decisões, tornou-se campo fértil para o surgimento da esfera pública burguesa. Apesar de estar desprovida de poder político, a burguesia começa a estruturar-se culturalmente consumindo cada vez mais informações através da imprensa e da literatura, tornando-se, assim,

um público crítico, que discute suas preocupações em fóruns informais (cafés, salões literários) buscando influenciar os rumos políticos.

A partir do desenvolvimento do capitalismo moderno tornou-se visível a formação de um novo público capaz de sustentar uma discussão política de caráter crítico. Essa mudança foi possível devido à emergência de uma imprensa mais livre, discussões que floresciam em cafés, salões literários, a alfabetização de grandes quantidades da população e o estímulo à reflexão crítica através de livros e literatura. (HABERMAS, 2003).

Às reuniões deste novo público chamou-se Esfera Pública burguesa. O conceito introduziu uma nova concepção de participação política e da relação entre Estado e sociedade. Ela indica a existência de uma arena onde cidadãos buscam participação política através do diálogo fundamentado na racionalidade dos argumentos em questão. Tanto as ruas como a vida política são essencialmente elementos da esfera pública, sendo que seu sentido básico está na pluralidade de idéias e pensamentos. O termo público significa, em primeiro lugar, que o que é público pode ser visto e escutado por todos e possui a maior publicidade possível; em segundo, que o termo se refere ao próprio mundo enquanto algo que é comum a todos os seres humanos e se diferencia do lugar privado que cada pessoa ocupa nele. (HABERMAS, 2003, p.152-153)

Contudo, depois de se consolidar no poder a burguesia já não precisa mais sustentar uma esfera

pública atuante, o que ameaçaria os recém chegados ao poder. Ocorre então uma inversão de lugares que marca a decadência da esfera pública burguesa e a constituição de uma esfera pública manipulada, caracterizada pela formação de uma opinião não pública.

Começa, então, a despontar um novo tipo de indivíduo:

Destinatário de uma tal esfera pública é o tipo do consumidor político, ao qual Riesman deu o nome de “o novo indiferente”: “ele não é mais nenhum eleitor independente...ele não reconhece mais nenhuma conexão entre as suas opiniões e a sua função política. Suas opiniões servem-lhe, daí, como meios de pagamento sem dinheiro vivo, em seu papel como membro integrante de uma comunidade de consumidores das notícias políticas diárias (HABERMAS, 2003, p. 253)

O convívio social não pode ser considerado uma condição humana fundamental. Conviver com outras pessoas é uma necessidade que nos é imposta pelo ciclo biológico da vida, que inclui tudo que compartilhamos com outras espécies – comer, dormir, reproduzir, etc. Entretanto, para viver efetivamente com o outro de forma humana, deve-se transpor essas necessidades biológicas. Considerando as diferenças existentes entre as pessoas, há uma necessidade de interação, já que se nós fôssemos todos idênticos não precisaríamos estabelecer qualquer tipo de comunicação ou agir sobre uma realidade que não varia. É a participação de forma

direta e consciente no reino da vida política que torna o “homem” um verdadeiro *Homo sapiens* (latim para homem sábio, homem racional).

Segundo Habermas (2003, p.154), neste novo cenário, percebemos um afastamento do público das decisões, transformando a antiga esfera pública em uma nova esfera pública manipulada, que, com o crescimento dos novos *mídia* a partir do século XX, tem seu espaço ampliado. Ressalta-se que agora a imprensa ao invés de intermediar a opinião pública, passa a direcionar uma opinião não pública.

Percebe-se, então, que a função das novas mídias é tratar do interesse privado de alguns indivíduos, ou seja, vender um “produto” para aqueles que já foram um público leitor e, agora, não passam de um público consumidor. Os mídias e seus produtos digeríveis e descartáveis tiram uma visão totalizadora do real e mudam a própria forma de comunicação e raciocínio.

Seguindo nesta direção, desenvolvem-se as técnicas de publicidade e de relações públicas, através das quais grandes empresas capitalistas passam a “trabalhar a opinião pública” e têm como tarefa central a construção do consenso e de uma opinião pública encenada. Mas consenso fabricado não é opinião pública. A crítica cede lugar ao conformismo e o consenso passa a ser uma boa vontade conquistada com a publicidade. (HABERMAS, 2003).

Entretanto, é possível que os grandes meios de comunicação de massa, desde que democratizados e desmercadorizados, possam se tornar aliados na

efetivação de uma opinião pública ativa e uma autêntica esfera pública, ainda que, para isso, seja necessária uma maior participação do público na elaboração das mensagens midiáticas. Para que isso seja possível, é necessário, também, que esse público adquira informações e conhecimentos em meios mais satisfatórios dos que os meios de comunicações de massa atuais. (HABERMAS, 2003, p.285-287)

Ainda segundo o mesmo autor, uma verdadeira esfera pública deve manter-se afastada da influência do poder estatal e do interesse capital. É necessário, no entanto, cultivar uma intensa democratização do Estado e da sociedade, permitindo, assim, uma ampla e consciente participação da população nos debates que tangem os interesses de todos. Ou seja, não basta melhorar as condições de recepção das mensagens, mas também intervir ao nível da produção.

Uma opinião rigorosamente pública só pode estabelecer-se, pelo contrário, à medida em que ambos os setores de comunicação passam a ser intermediados por aquele outro, que é o da “*publicidade crítica*”. Certamente, uma tal mediação só é possível, hoje, numa ordem de grandeza sociológica relevante, por meio da participação de pessoas privadas num processo de comunicação formal conduzido através das esferas públicas internas às organizações (HABERMAS, 2003, p. 287)

Todavia, para que consigamos chegar a esse nível de democratização dos meios de comunicação é fundamental que o público receptor tenha melhores

condições materiais, culturais e educacionais, sobretudo com acesso a uma melhor informação (qualitativa e diversificada), para, assim, formar uma opinião própria, participando efetivamente da formação de opiniões públicas, e até influenciando na produção da mídia.

Internet – nova sociedade (em rede)

A definição de Internet encontrada nela mesma define-a como um conglomerado mundial de computadores (CMC) ligados em rede, permitidos por um protocolo de Internet que autoriza todo tipo de acesso à informação e troca de dados (WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre, 2007, On line). Entretanto, ela ultrapassa os limites estáticos de um computador e interfere nas bases do que se entendia e fazia por comunicação até seu surgimento, interferindo diretamente no comportamento e preferências de quem a usa como instrumento de trabalho ou entretenimento.

O processo de formação e difusão da internet e das redes de CMC a ela ligadas nos últimos 25 anos moldou de forma definitiva a estrutura dos novos veículos de comunicação na arquitetura da rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais da comunicação. (CASTELLS, 2003, p. 441)

Hoje, a Internet é o meio de comunicação em maior ascensão, bastante difundido e necessário no contexto globalizado em que a sociedade se encontra. Entre outros fatores, sua expansão ocorreu devido ao grande avanço tecnológico e maior acesso das pessoas, das mais variadas classes sociais, a essas novas tecnologias. O alcance da Internet foi viabilizado por

vários projetos de inclusão digital no mundo todo. Dificilmente nos dias de hoje, ainda se encontra alguém, principalmente jovem, que não possua e-mail, que não fale horas em *chats* ou que não faça parte do Orkut, por exemplo. É sobre o que teoriza Manuel Castells:

(...) hoje existem milhões de usuários de redes no mundo inteiro, cobrindo todo o aspecto da comunicação humana, da política, e da religião ao sexo e à pesquisa – com o comércio eletrônico como atração principal da Internet contemporânea. (CASTELLS, 2003, p. 439)

Os primeiros usuários moldaram o estilo da Internet e os próprios consumidores dela também são produtores. O portal ADSL divulgou uma pesquisa da Web@Work feita pela Websense em setembro de 2006¹, demonstrando que 64% dos brasileiros preferem acessar a internet a tomar um café no trabalho. O diretor de vendas da Websense para América Latina e Caribe, Adauto de Mello Junior, afirma que o aumento no tempo médio de uso da internet por razões pessoais aumentou 2,1 horas por semana se comparado a 2005. Pela pesquisa, 40% passam mais de cinco horas em sites de interesse pessoal, enquanto 10% navegam 10 horas semanais. Os assuntos mais procurados pelos usuários nacionais são notícias (74%), sites de órgãos do governo e financeiros (56%), acesso ao e-mail pessoal (32%), comércio eletrônico (30%). O estudo foi realizado com 200 empresas com mais de 250 funcionários, entre julho e agosto de 2006, em quatro países da América Latina.

Essa aldeia global, como definida por McLuhan, reúne todas as formas de comunicação: som (oral), texto (escrita) e imagem (áudio visual), e faz com que as relações humanas se adaptem a uma nova realidade: a interatividade. Por meio de hipertextos e metalinguagem, a comunicação se torna rápida e direta. A Internet acaba expressando a pressa das pessoas, com palavras abreviadas ao máximo, frases soltas e sem acentuação, reforçada pelo turbilhão de informações despejadas todos os dias. Ainda segundo Castells, alguns vêem a linguagem virtual como um retorno à mente tipográfica e a recuperação do discurso racional construído, enquanto para outros a informalidade, espontaneidade e anonimato do meio estimulam uma nova forma de “oralidade” expressa por um meio eletrônico. (CASTELLS, 2003, 448)

Ao contrário da teoria da crítica social de Marcuse e Habermas, Castells defende que completamos tudo o que recebemos da mídia com nosso conhecimento sócio-cognitivo cultural (CASTELLS, 2003, p. 419). Uma informação só provocará uma mudança intelectual ou comportamental se o indivíduo encontrar nela algo que complete alguma experiência ou idéia prévia, ou que, segundo seus princípios, acrescente algo “bom”.

Por essa linha de raciocínio, pode-se ver a internet com bons olhos, mesmo com todos os “besteiróis” nela encontrados. Porém, a dúvida está se o povo brasileiro tem a autonomia capaz de filtrar

eficazmente tudo o que vê, lê e ouve de forma saudável:

Se as pessoas tiverem algum nível de autonomia para organizar e decidir seu comportamento, as mensagens enviadas pela mídia deverão interagir com seus receptores e, assim, o conceito de mídia de massa refere-se a um sistema tecnológico, não a uma forma de cultura, a cultura de massa. (CASTELLS, 2003, p. 420)

A educação está explorando enormemente as vantagens da Internet. Desde cursos simples a mestrados profissionalizantes podem ser feitos com grande parte de sua carga horária transmitida via Internet, quando não total. Jogos interativos e educativos são instrumentos valiosos no desenvolvimento de crianças e podem ser acessados a qualquer momento, alguns até sem custos adicionais. Quase todo tipo de informação é encontrado na "aldeia global". Por isso, há a preocupação em investimento e difusão de opiniões sobre os mais variados assuntos, principalmente política e economia, por meio dela. As maiores organizações públicas e privadas reconhecem a força da comunicação na sociedade, ainda mais sua significativa possibilidade de interatividade e individualização tecnológica e cultural, por meio da Internet. Quanto à comunicação e ao conhecimento na Internet, Castells diz que

Uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea não-organizada e diversificada em finalidade e adesão. De fato, os interesses comerciais e governamentais são coincidentes quanto ao favorecimento da expansão do uso da rede: quanto maior a diversidade de mensagens e de participantes, mais

¹ Pesquisa disponível no site www.portaladsl.com.br

alta será a massa crítica da rede e mais alto o valor. A coexistência de vários interesses e culturas na rede tomou a forma de World Wide Web – WWW (Rede de alcance mundial), uma rede flexível formada por redes dentro da internet, onde as instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (sites). Que servem de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua homepage, feita de colagens variadas de textos e imagens. A Web proporciona agrupamento de interesses e projetos na Rede, superando a busca caótica e demorada da internet pré WWW. Com base nesses agrupamentos, pessoas físicas e organizações eram capazes de interagir de forma expressiva no que se tornou literalmente, uma Teia de Alcance Mundial para comunicação individualizada, interativa. O preço a pagar por uma participação tão diversa e difundida é deixar que a comunicação espontânea e informal prospere simultaneamente. A comercialização do espaço cibernético estará mais próxima da experiência histórica das ruas comerciais emergentes da palpitante cultura urbana que dos shoppings centers espalhados na monotonia dos subúrbios anônimos (CASTELLS, 2003, p.439).

Ainda nesse raciocínio, ele afirma que a informalidade, a capacidade auto-reguladora da comunicação e a idéia de que muitos contribuem para muitos, mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada na Internet, vieram do fato delas terem se originado e se expandido no meio de universitários que a usavam como *hobby*. Desses fatores derivam suas características principais: penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade.

Pela Internet as pessoas criam pseudônimos, forjam personalidades, idealizam e apresentam características, nem sempre verdadeiras. Alguns teóricos dizem até que se trata de uma fuga da realidade, uma forma de ser reparado como “bom” dentre as várias

“pessoas” que encontramos na rede virtual. É como se houvesse uma desumanização em detrimento das relações inter-pessoais. Isso ajudaria a alimentar sentimentos de solidão, alienação e do câncer do século XXI: a depressão. Sobre esse assunto, Castells presume que se trata, na verdade, de uma virtualização do real, não o contrário. Citando Sherry Turkle, diz o autor que

(...) a noção do real contra-ataca, quem vive vidas paralelas na tela estão, não obstante, ligados pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personagens físicas. As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual faz pensar sobre a identidade humana na era da Internet. (TURKLE apud CASTELLS, 2003, p. 433)

Em uma vertente positiva da comunicação virtual, Castells ressalta que o fato de não haver a presença física do interlocutor as discussões tendem a ser mais desinibidas e, conseqüentemente, mais sinceras – as enquetes, por exemplo, são formas de expressão da opinião coletiva sobre assuntos de interesse público. Howard Rheingold defende que a Internet cria sim uma comunidade virtual entre pessoas de valores e interesses comuns (RHEINGOLD apud CASTELLS, 2003, p. 443). Já William Mitchell vê emergindo *on line* novas formas de sociabilidade e de vida urbana, adaptadas ao novo meio tecnológico (MITCHELL apud CASTELLS, 2003, p. 443).

Tribos e raças, pensamentos e culturas, em maioria, estão representadas na Internet e podem mostrar sua identidade, características e objetivos. Castells cita exemplos em que a Internet é usada como forma democrática do cidadão ativar a sua voz, alcançando conquistas e melhorias em questões sociais

e de direito. Para o autor, "*Ela vem sendo usada de forma diferente para diversas finalidades. Ela não substitui nenhum meio de comunicação já existente, pelo contrário, reforça os padrões sociais já existentes*" (CASTELLS, 2003, p. 449), ou seja, as pessoas acabam por moldar as tecnologias para adaptá-las às suas necessidades

Internet: locus para a nova Esfera Pública?

Percebe-se o grande afastamento do público nas decisões de importância coletiva. O povo e suas opiniões só são mobilizados esporadicamente e por um curto período de tempo, a exemplo, temos as campanhas eleitorais, instante em que exalta-se o direito de cidadania da população, porém, o que se percebe é um jogo de interesses em que não há democracia nem política, mas sim, na maioria das vezes, manipulação e politicagem. Os meios de comunicação que deveriam informar com imparcialidade, acabam por simplesmente transmitir propagandas.

Focalizando os meios de comunicação de massa atuais, percebe-se que, com o avanço tecnológico, a Internet se tornou, ao mesmo tempo, febre e necessidade. Usada tanto para o trabalho quanto para o entretenimento, ela possibilita a seus navegantes uma quase infinita variedade de informações e, o mais importante, que esses navegantes interajam imediatamente com as diversas opiniões e apresentem as suas.

Neste contexto, a Internet é uma das grandes responsáveis por uma espécie de reconfiguração da globalização das informações, estimulando, portanto, o crescimento de pequenas esferas públicas das mais variadas organizações civis. Assim, ela é a que mais se aproxima da Esfera Pública burguesa, sendo um instrumento muito útil para viabilizar uma comunicação democrática, ampla e de massas. Suas ferramentas possibilitam a quebra das fronteiras geográficas e temporais, possibilitando, por exemplo, conversar e saber sobre a cultura de praticamente todos os povos do planeta. E, ainda, emitir opiniões e conceitos sobre elas. Por ela é possível difundir essas pequenas esferas públicas existentes.

Por exemplo, grandes Universidades e organizações realizam bate-papos sobre os mais diversos assuntos, facilitando a troca de idéias e discussões, a fim de construir opiniões mais sólidas e embasadas.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar seus pontos negativos, pelo fato de sua amplitude e fácil acesso, visto que, qualquer pessoa pode escrever o que quiser, muitas vezes, sem base confiável ou caráter construtivo. Isso sem contar a facilidade de fraudes e crimes que podem ser cometidos por meio dela. A linguagem utilizada também é causa de preocupação de alguns estudiosos. Alguns a defendem, outros condenam.

Desta forma, a grande chave é a intenção e modo como é usada. Ela tem todos os instrumentos favoráveis para produção e difusão do conhecimento, a

fim de levar seus interlocutores a uma reflexão externa e interna. Depende da escolha de cada um, vê-la como forma de crescer intelectualmente, ou apenas como instrumental para o entretenimento rápido, fácil e barato.

Considerações finais

Para se chegar aos objetivos deste artigo, recorreremos aos princípios teóricos de Esfera Pública, descritos por Habermas, e Internet, principalmente apoiados por Castells. Estabelecendo o diálogo entre os teóricos, procuramos saber se a hipótese de Internet como a Esfera Pública da contemporaneidade teria sentido e resultados na prática.

Após a revisão bibliográfica citada, percebemos que a idéia de Esfera Pública burguesa, mesmo tendo

durado pouco tempo, foi capaz de abalar as estruturas da sociedade da época e deixar suas conseqüências até os dias de hoje, assentadas no capitalismo avançado, afirmando que o conhecimento é arma poderosa para o alcance de objetivos que visem o bem comum ou próprio. Assim, as ferramentas disponíveis na Internet trilham caminhos semelhantes, ou seja, conforme o interesse e uso do internauta, elas favorecerão a construção, expansão e prática do conhecimento e pensamento crítico, reforçando a formação de internautas - cidadãos atuantes.

As características de penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade da Internet, permitiram que nossa hipótese fosse confirmada, desde que o internauta escolha os caminhos viáveis à construção de uma opinião pública construtiva, coerente e crítica.

Referências:

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra: 2003.

INTERNET (verbetes). Disponível em <<<http://www.wikipedia.org/wiki/Internet>>>. Acessado em 25/05/07. Acesso em 10/06/07.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/3gt/Jorge%20Almeida.rtf> . Acesso em 02/06/07.

-
- ⁱ Bacharel em Secretariado Executivo Bilíngüe – Português/ Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2004. Atualmente cursando o 4º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico: jany_carla@yahoo.com.br.
- ⁱⁱ Licenciada em Letras, habilitação Português / Inglês, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2006. Atualmente, cursando 4º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico mari_pmd@yahoo.com.br.
- ⁱⁱⁱ Cursando 4º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico laysa88@hotmail.com.
- ^{iv} Cursando 4º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico josimju@hotmail.com.